

Na 2ª semana da Campanha Kárl Marx a tiragem desta edição já ultrapassou os 34 mil exemplares.

Agente do FMI faz missão de chantagem



Em Caxias do Sul, mais de 10 mil trabalhadores: ...úchos gritaram a palavra de ordem de greve geral

O 1º de Maio de norte a sul

As manifestações em 13 Estados do país e no mundo. Pág. 5

O Fundo Monetário Internacional enviou a economista americana Ana Maria Jul com a missão de fazer uma verdadeira devassa nas contas da economia brasileira. Como se esperava, nenhum dos resultados que Delfim Netto e Companhia apresentam corresponde às metas previstas no acordo com o FMI. Mas disso o Fundo já sabia. As metas servem apenas como matéria prima para praticar chantagem e arrancar maiores concessões em favor do capital estrangeiro, às custas do Brasil e seu povo. Pág. 3



Haroldo, com Teótonio: contra o FMI

Haroldo Lima fala sobre o projeto do senador Vilela

Artigo sobre o "Projeto Emergência". Pág. 3

EDITORIAL

A sucessão em pauta

O general Figueiredo reconheceu que já não tem como controlar o jogo sucessório. Pretendia deixar este assunto para ser tratado oficialmente só no segundo semestre ou mesmo no ano que vem. Mas são muitos os interesses em disputa e são muitos os "presidenciais" que já se lançaram no páreo. Nas próprias fileiras governistas é cada dia mais acirrada a briga entre as diversas camarilhas.

Figueiredo confessou o fracasso de seu plano na quarta feira à noite, no desacreditado programa "O Povo e o Presidente", que só é assistido pelos telespectadores que dormem na cadeira e acordam surpresos pela desajeitada figura do presidente respondendo às desinteressantes perguntas acertadas previamente com sua assessoria.

A constatação de que a campanha escapou do controle não é apenas uma derrota pessoal de Figueiredo. Reflete sobretudo onde chegou a grave crise política em evolução no país. O governo encontra-se desmoralizado pela incapacidade de viabilizar a economia. É pressionado por uma inflação acima dos 100%, por uma dívida externa que alcança os 100 bilhões de dólares. E agora tem que prestar contas submissamente a funcionários subalternos do FMI que vêm aqui dar pitos e chamar ministros de mentirosos. Encontra-se também abalado pela derrota eleitoral, onde foi repudiado por uma diferença de mais de 9 milhões de votos a favor da oposição. Por tudo isto o governo federal, cada dia mais instável, tinha necessidade de adiar ao máximo a luta aberta pela presidência.

Os ocupantes do Palácio do Planalto sabem que a combinação de uma guerra declarada entre candidatos à sua sucessão pode gerar um perigoso vazio de poder, e inclusive tornar difícil ao governo atual chegar em tranquilidade até a data legal da sua substituição. Apesar disso, arrogantemente o

general Figueiredo se arvora no direito de nomear o seu sucessor de forma a manter intacto o regime militar. Sua receita de presidente é um administrador "competente" da crise, que represente um "consenso" nacional. Mas competência para o regime é o decreto 2.012, é a capitulação ao FMI, é a dívida externa e a inflação em níveis astronômicos! E consenso significa a concordância do Alto Comando das Forças Armadas. Mais do que isto, eleição para o sistema imperante, é um jogo de cartas marcadas, num Colégio Eleitoral pré-fabricado.

Diante desta situação alarmante e da petulância dos generais na tentativa de perpetuar o monopólio que exercem sobre o poder político, urge levantar junto à opinião pública um vigoroso movimento em favor das eleições diretas. Esta não seria uma saída para o regime, como apregoam alguns. A conquista das eleições através da ação de massas pode servir como um estopim para dar fim ao arbítrio implantado no país desde 1964. Seria a saída contra o regime. Estas eleições, conquistadas pelo povo, devem representar uma continuidade e um avanço em relação ao plebiscito nacional deflagrado pelo pleito de 15 de novembro.

Para cumprir este importante papel, é indispensável desde já que se exija unidade das oposições — inclusive dos que tiraram lições da pequena, mas daninha divisão ocorrida na eleição passada — em torno de um nome capaz de erguer bem alto a bandeira da liberdade, da Assembleia Nacional Constituinte, e de soluções patrióticas para livrar o país da submissão ao capital estrangeiro. Unidade para derrotar o regime e o PDS. Unidade para defender os interesses do povo e da nação. Este movimento não se realizará espontaneamente. Será fruto de um trabalho difícil que cada democracia consciente está chamada a realizar.

Operários da Belgo recusam o arrocho da multinacional

A multinacional quer trocar o reajuste pela estabilidade. Os operários preparam a greve. Pág. 8



Quebra-quebra, uma cena que vai virando rotina

O povo não agüenta transportes tão caros e tão ruins

Entrega do setor à sede de lucro dos patrões fez dos transportes urbanos um inferno. Última página



Mais de mil delegados de fábrica estiveram no Congresso

O que pensa a mais poderosa categoria operária do Brasil

O 6º Congresso dos Metalúrgicos de São Paulo. Pág. 4



PMs paraibanos estão fartos de passar fome

Um movimento de rebelião, a "Corrente Tiradentes", agita a corporação. Veja na página 4

Afinal, você sabe quem é o favorito na Taça de Ouro?

Na fase final, os gaúchos estão fora do campeonato, mas Goiás compete. Página 7

Mais apoio à T.O. contra a Lei de Segurança Nacional

Desde que divulgamos a notícia sobre a tentativa do governo de processar a **Tribuna Operária** através da Lei de Segurança Nacional, já recebemos a solidariedade de centenas e centenas de pessoas.

Na semana passada, chegou-nos um abaixo-assinado com 48 assinaturas, de mecânicos, pedreiros, domésticas, vendedores e outros trabalhadores do Jardim Afonso, em Guarulhos, São Paulo. A iniciativa foi de um jovem metalúrgico desempregado, amigo e leitor do jornal.

Em Toledo, no Paraná, no dia dois deste mês, por iniciativa do vereador Luis Carlos Schroeder, a Câmara Municipal, por unanimidade, aprovou uma moção de solidariedade aos jornalistas Rogério Lustosa, Bernardo Joffily, Pedro de Oliveira e Olivia Rangel, ameaçados pela LSN.

O último exilado quer o direito de voltar à sua pátria

Depois de quase quatro anos do decreto da anistia, Theodomiro Romeiro dos Santos continua impedido de voltar à pátria pelo revanchismo dos generais. Agora está em julgamento no STM um pedido de habeas corpus em seu favor. Um detalhe: o procurador do processo é o mesmo juiz que condenou Theodomiro à morte, logo depois de sua prisão.

Preso em outubro de 1970, com apenas 18 anos de idade, Theodomiro foi condenado à morte acusado de matar um sargento da aeronáutica, ao resistir à prisão — na verdade um sequestro praticado por militares em trajes civis, num carro de chapa fria. Diante das manifestações que sacudiram o país a pena foi transformada em prisão perpétua, mais tarde em 30 anos de reclusão e em seguida 16 anos e meio.

Apesar de ter direito a liberdade condicional com cinco anos e meio de pena cumpridos, Theodomiro depois de passar nove anos preso teve este direito negado pela Justiça Militar. No dia 18 de agosto de 1979, quando viu que também não seria beneficiado pela anistia, fugiu e asilou-se na França, onde até hoje se encontra.

Vários deputados do PMDB apelaram para que os juizes do Supremo Tribunal Militar atendessem ao apelo de Theodomiro e lhe concedessem o habeas-corpus, permitindo a sua volta ao país. Haroldo Lima, que foi seu companheiro de cela em Salvador, disse que o habeas corpus era uma necessidade imperiosa. "A reconquista do seu direito de retornar à pátria em liberdade é uma etapa impreterível, por onde terá que passar o processo de democratização da vida nacional", disse ele.

Theodomiro vive na França trabalhando como metalúrgico. Tem quatro filhos, sendo que dois vivem no Brasil. Os três mais velhos nasceram quando ele ainda estava na prisão, onde se casou.

A persistência em negar o retorno a este ex-preso político, hoje o único exilado do país, reflete a postura revanchista que marca o regime militar. É uma continuidade das torturas que sofreu e das perseguições a que foi submetido na prisão. Para se ter uma ideia, chegaram a matar cinco de seus amigos de infância e colegas de escola, entre eles Getúlio Cabral, Fernando Augusto e Lurdinha Pontes — que era mulher de Paulo Pontes, ex-preso político. Numa grande "coincidência", o assassinato conjunto aconteceu na rua que tinha o nome do sargento morto e no dia do aniversário de Theodomiro. (das sucursais de Brasília e Salvador).

TRIBUNAL TIRADENTES
Teotônio Vilela
EM JULGAMENTO A LEI DE SEGURANÇA NACIONAL



Teotônio Vilela presidirá dia 10, em São Paulo, o julgamento da LSN. A Ordem dos Advogados do Brasil, de São Paulo, funcionará como acusação. Serão testemunhas um trabalhador, um familiar de desaparecido, um familiar de um morto pela repressão, um ex-preso político, um trabalhador rural, a presidente da UNE e um membro da Associação Brasileira de Imprensa. O defensor será o advogado Luis Eduardo Greenhalg. O ato foi organizado pela Comissão de Justiça e Paz, pela Pastoral dos Direitos Humanos, pelo Comitê Brasileiro pela Anistia e pela UEE de São Paulo.

Mensageira do FMI exige mais aperto na economia brasileira

O Brasil recebeu a insolente visita de Ana Jul, do FMI. Nas duas últimas semanas ela interrogou ministros e bateu o pé. Disse que o Acordo com o Fundo não está sendo cumprido e deu o recado: se não houver mais um "aperto" na economia o FMI não libera a segunda parcela de seu empréstimo. Essa a verdadeira face do Acordo com o FMI: uma chantagem.

Esse acordo é uma faca no pescoço da nação. Agora o país sofre uma fiscalização do FMI de três em três meses. E sempre com essa ameaça. Se a orientação dos banqueiros internacionais não estiver sendo seguida as parcelas dos empréstimos serão suspensas. O que também afugentaria qualquer outro tipo de empréstimo externo.

A visita da economista foi uma imposição. As metas principais acertadas com o FMI, na famigerada "Carta de Intenções", não estão sendo atingidas. O déficit público, que no primeiro trimestre era para ser de 2,8 trilhões de cruzeiros, teve um "estouro" e passou dos quatro trilhões.

O governo está totalmente descontrolado nos seus gastos. Outro item importante escapa do controle governamental. É a taxa de inflação que deveria ficar em torno de 70% e já se aproxima dos 120%, nos últimos doze meses. Além disso, um problema mais grave: o FMI não acredita nos dados do governo e questiona publicamente sua validade. Veja no quadro abaixo algumas mentiras oficiais. Em resumo o que o FMI quer é mais "aperto" na economia, mais recessão.

Mas na verdade o FMI está satisfeito, pois é a sua política que está sendo aplicada e os resultados para o nosso povo são aterradores. Segundo a



Ana Maria Jul fugiu dos repórteres o tempo todo. Ao lado as consequências dolorosas dos acordos com o FMI: desemprego e fome.

Fiesp a indústria paulista apresentou uma queda real em sua produção de 1,7% no primeiro bimestre de 1983. As empresas nacionais estão quebradas, em São Paulo os fútu- los protestados tiveram um



crescimento em valor de 194%. O número de concordatas, também no primeiro trimestre teve um aumento recorde de 226%.

Desgovernada, a economia caminha para o colapso

A economia brasileira está desgovernada. Os atrasos de pagamento das companhias estatais e do próprio Banco Central, no mercado mundial, já se aproximam do bilhão de dólares. As filiais dos bancos brasileiros no exterior estão quase paralisadas devido ao boicote dos bancos estrangeiros (no chamado projeto 4).

Outro ponto que Figueiredo segue à risca é o arrocho dos salários. O decreto 2.012, feito pelo FMI, mas assinado pelo presidente, arranca os 10% acima do INPC para os que ganham até três salários mínimos. Dessa forma foi estendido para o conjunto dos trabalhadores o arrocho que já era aplicado no reajuste do salário mínimo. Ao mesmo tempo, sob pressão do Fundo, Dellim Netto falsificou o INPC, o que implicou na demissão de dois importantes técnicos do alto escalão do IBGE, que calcula esse índice.

Também pelo lado dos impostos o assalariado foi duramente atingido. Basta dizer

que em plena crise a arrecadação dos impostos apresentou um enorme crescimento de 140% no primeiro trimestre de 1983. Isso devido as mudanças na legislação sugeridas pelo acordo com o FMI.

A grande imprensa e alguns líderes empresariais e políticos estão criando um suspense. Será que o Brasil conseguirá cumprir o Acordo? Essa é uma falsa expectativa. Os banqueiros e o governo sabem que as metas estabelecidas são inatingíveis. O acordo foi feito de tal forma que não dá para cumpri-lo integralmente. É uma tática para manter a dependência.

FMI quer o Brasil de joelhos

O Wall Street Journal, órgão dos banqueiros, disse que o Brasil não conseguirá chegar até agosto sem fazer novas "negociações". Alguns banqueiros americanos e ingleses já começam a fazer novas exigências para mais empréstimos. Os banqueiros querem dobrar o Brasil de joelhos e conseguir um novo acordo ainda mais humilhante para o Brasil. A suspensão dos pagamentos da dívida é cada vez mais uma questão de sobrevivência nacional. (Luiz Gonzaga).

Propostas patrióticas para enfrentar a dívida

A crise brasileira, vista sob a ótica dos seus quatro aspectos básicos - o financeiro, o econômico, o social e o político — é a realidade trabalhada pelo "Projeto Emergência" do senador Teotônio Vilela.

O projeto retrata a crise com vigor e correção. Vê a dívida externa de mais de 100 bilhões de dólares como o meio fundamental, hoje, para o sistema financeiro internacional, vale dizer o imperialismo, avassalar a Nação brasileira. Identifica a dívida interna de mais de 10 trilhões de cruzeiros, emitidos em letras tipo ORTN e LTN, como "um mecanismo sofisticado e seguro de transferência maciça de recursos dos bolsos de todos os brasileiros para os grandes conglomerados financeiros".

Apostila com precisão os grandes beneficiários por tudo, "os grandes conglomerados financeiros nacionais e transnacionais". O senador enfoca a consequência destes fatores na vida do povo no que denomina "dívida social". Encabeçando os credores neste capítulo estão os 6 milhões de desempregados, 15 milhões de subempregados, 20 milhões de analfabetos, 12 milhões de meninos sem escola, 40 milhões de subnutridos, 25 milhões de favelados.

O problema político é situado na "ordem autoritária que retira do povo a soberania e o transforma de sujeito em vítima do Estado". Manifesta-se na vigência da Lei de Segurança Nacional, da Lei Orgânica dos Partidos, da legislação eleitoral, da CLT, da Constituição outorgada.

Teotônio Vilela propõe como medidas basilares do seu "Projeto Emergência" a "declaração unilateral da moratória com um período de carência de no mínimo dois anos", durante o qual estariam suspensos os pagamentos ao exterior; a transformação dos títulos do Tesouro Nacional em "bônus de guerra", em um contexto de baixa de juros que impeça a especulação com papéis; uma política salarial e de emprego com reajustes semestrais adequados e a criação de frentes de trabalho; e eleições diretas para presidente da República e prefeitos de todos os municípios.

Concepção oposta à dos homens do regime

Do ponto de vista de quem luta pelo fim do regime militar, o "Projeto Emergência" é uma boa base para a discussão de um programa imediato de ação. Sua concepção é oposta à dos homens do regi-



Teotônio Vilela (no 1º de Maio): os banqueiros podem esperar...

me e opositoristas excessivamente moderados. Estes dizem: os problemas estão aí e são de todos, vamos reparti-los. A postura do "Emergência" é outra: os problemas que estão aí não são de responsabilidade do povo; este é que não deve arcar com novos sacrifícios.

A atitude geral do "Emergência" face à dívida externa é patriótica: "Os banqueiros podem esperar pelo pagamento da dívida; a imensa maioria pobre é que não pode". A moratória ajudaria a revitalização imediata da economia brasileira. Mas seria necessária uma definição precisa da situação da dívida e dos seus serviços durante a carência. Se os juros recaíssem sobre o montante da dívida suspensa, o débito acumulado após dois anos seria intolerável. O próprio prazo de dois de carência, situado como "mínimo", parece insuficiente para um revigoramento ainda que inicial de uma economia tão combatida como a brasileira.

O deputado Alencar Furtado, na mesma linha patriótica de raciocínio, propõe a moratória com carência de cinco anos. E outra proposta foi por mim apresentada no Congresso Nacional, em termos de "suspensão do pagamento da dívida até que a Nação se pronuncie a respeito". Medidas como estas, e mais iniciativas saneadoras da economia interna, esbarram com o obstáculo político que temos à frente: um regime autoritário nacional e antipovo, precisamente por ser antidemocrá-

tico. Nas circunstâncias atuais, a luta por um encaminhamento democrático da questão do poder no Brasil é uma preliminar para a solução patriótica do problema que está a nos ameaçar como nação — a dependência do Brasil face ao capital estrangeiro.

A pedra de toque é eleger o presidente

Assim, num plano efetivamente de emergência a pedra de toque é a eleição direta do presidente da República, que implica numa campanha de mobilização popular por este direito há 20 anos negado aos brasileiros. O presidente que fosse eleito pelo voto direto poderia sair da campanha eleitoral comprometido, entre outras, com duas questões fundamentais: a suspensão imediata do pagamento da dívida e a convocação de uma Assembleia Constituinte, livre e soberana. Através da Constituinte, a Nação faria uma deliberação que verdadeiramente ainda deve, se é que deve, e se pronunciar a respeito da continuidade desta questão.

O "Projeto Emergência" do senador Teotônio Vilela tem amplos méritos. Toca em problemas fundamentais para o nosso povo. E conduz à discussão de outros tantos, vitais ao nosso avanço patriótico, popular e democrático. (Haroldo Lima, deputado federal pela Bahia, vice-líder do PMDB na Câmara).



Governo pratica um jogo sujo para "engordar" as exportações.

Mentiras não conseguem esconder a grave crise

Enquanto se realizava a vista de Ana Jul vários fatos vieram à tona, representando uma desmoralização para o governo. Foram descobertas várias manobras dos ministros para falsificar os dados sobre o desempenho da economia.

As exportações de janeiro e fevereiro ficaram bem abaixo das metas do Fundo, de repente aparece em março um superávit no comércio exterior de 514 milhões de dólares. E com isso o governo tentou injetar otimismo na opinião pública.

Para abril o governo anunciou um superávit ainda maior, de 606 milhões de dólares. Desta vez a manobra foi mais sutil. Foi vendido um pedaço da Siderúrgica de Tubarão, que será posteriormente comprado de novo. Uma operação obscura que vai entrar como exportação realizada em abril. Só com esta operação o superávit de abril "perceceu" 400 milhões de dólares. Qual será a manobra de maio?

Maria Nilde fala sobre a educação e a Apeoesp

No final de maio haverá eleições para a diretoria da Apeoesp (Associação dos Professores no Ensino Oficial do Estado de São Paulo). Como candidata à presidência da entidade, pela chapa de oposição "Novapeoesp", Maria Nilde Mascellani, uma das educadoras do maior renome no país, falou à TO.



Maria Nilde em um seminário

Maria Nilde liderou e coordenou as experiências mais expressivas de educação secundária no ensino público. Mas estes trabalhos foram cerceados pelo regime militar. Ela foi aposentada pelo AI-5 em 1970, presa e torturada pela repressão. A carta-programa de sua chapa contém três pontos básicos: 1) o problema salarial, a melhoria das condições de ensino e proposta de um novo estatuto da entidade; 2) formas de participação e canais de representação do magistério; 3) união dos educadores em torno de uma entidade geral de lutas em defesa da educação, revogação da LSN, luta pela Constituinte livre e soberana, etc.

Falando a respeito da atual diretoria da Apeoesp, Maria Nilde mostra o seu descontentamento pela maneira como está sendo conduzida. "O que tenho observado e ouvido de muitos colegas é que a atual diretoria da Apeoesp procura levar a entidade para dentro do partido assumido pelos que

educação", desabafa Maria Nilde ao falar do assunto que mais lhe toca. Professora de ensino primário e secundário durante 20 anos, ela possui um conhecimento profundo da situação em que vive o professorado.

"PELO FIM DO REGIME"

"Para se aperfeiçoar e evoluir — esclarece ela — os mestres necessitam em primeiro lugar ter salários compatíveis que permitam a dedicação ao estudo, a realização de cursos de extensão e também necessitam de condições de trabalho adequadas nas escolas. Hoje é particularmente aguda a dificuldade que têm os professores até para subsistir, quanto mais pensar em aperfeiçoamento."

Maria Nilde preocupa-se em especial com os 23 milhões de menores marginalizados que existem no Brasil, mas tem bem claro que a superação deste problema está ligado ao fim do modelo econômico instalado no Brasil em 1964. Ela cita o exemplo das cidades do interior do Estado onde crianças com 7 a 8 anos de idade não frequentam a escola "porque são obrigadas a trabalhar para garantir o sustento da família, como bôafrias mirins. Trata-se, portanto, de lutar pela superação de um modelo econômico injusto e opressor que atinge desta forma a criança e depauperou o professor. Esta é uma luta que deverá ser assumida pelo magistério juntamente com outras associações e sindicatos".

"É absurda a situação que vivemos hoje em termos de e-

UEE contra fim da meia entrada nos cinemas

O Conselho Nacional de Cinema (Concine) decidiu que a partir do dia 9 de maio não haverá mais meia entrada no cinema, mas apenas em alguns horários especiais todos pagaram metade do valor do ingresso. Os estudantes ficaram estarelecidos ao saber que a proposta saiu do Ministério da Educação. "Esse Ministério mostra assim, mais uma vez, seu verdadeiro caráter de inimigo dos estudantes", afirmou o presidente da União Estadual dos Estudantes de São Paulo, Flávio Dias.

A medida visa, na verdade, tirar o direito adquirido dos estudantes (60% do público dos cinemas) de pagar meia entrada. Essa conquista existe desde a década de 40, quando a UNE, UBE e UEEs de todo o país a conseguiram, após muita luta. Flávio ainda destaca que "o preço das entradas subiu, em cinco anos, mais de 10 mil%! Em 1978, o ingresso custava Cr\$ 16,00 e hoje está a Cr\$ 1.600,00 em São Paulo. Devemos lutar também que o Concine quer baixar de 140 para 28 dias ao ano a obrigatoriedade de exibição de filmes nacionais. O mesmo governo que quer acabar com a meia entrada, quer também acabar com o cinema nacional. Por isso, as entidades estudantis de todo o país estão programando uma série de manifestações contra a medida e pedem o apoio da população nesta luta".

Metalúrgicos gaúchos fazem greve vitoriosa

Grças a uma combativa greve de dois dias, os metalúrgicos de Porto Alegre conseguiram um piso salarial de Cr\$ 51.840,00, e abono escolar de Cr\$ 8 mil, e a estabilidade no emprego por 90 dias para toda a categoria, além de estabilidade de seis meses para a Comissão de Salários.

José Freitas, da Comissão de Salários, destacou que "a greve foi um acontecimento importante na vida da categoria, que há mais de 20 anos não tomava uma atitude assim. Barramos a proposta de redução de jornada com criação dos salários, e agora precisamos nos preparar para as tentativas que os patrões farão em cada fábrica, individualmente."

De fato, a organização dos operários em comissões de fábrica é premente. Na assembleia da categoria um metalúrgico denunciou: "O acordo foi feito com estabilidade de 90 dias. Mas na Staiger, firma do presidente do sindicato patronal, foram colocados 33 companheiros na rua". Para o presidente do Sindicato dos Metalúrgicos, Adão Hagstram, "o dissídio demonstrou a maturidade da categoria, que soube o momento de ir à greve, e o de suspendê-la. A proposta aprovada está longe do ideal, mas foi melhor que a proposta inícuca dos patrões". (da sucursal)

Os professores terão 10 dias de eleição no CPG

Será realizada, entre os dias 10 e 20 de maio, a eleição para a diretoria do Centro dos Professores de Goiás (CPG), que congrega os mestres da rede oficial de ensino do Estado e municípios. A chapa Renovação e Autonomia, liderada por Lindomar Resende, está concorrendo, "objetivando dinamizar de fato a vida de nossa entidade, para que possa levar adiante a luta por melhores condições de ensino e trabalho".

Professores estão parados em Sta. Catarina

Desde o dia 2 os professores da rede estadual de Santa Catarina encontram-se em greve. Ao todo são cerca de 40 mil docentes que exigem um piso salarial de três salários mínimos; reajuste trimestral de 15% acima do INPC; estatuto do magistério e um plano estadual de educação. Nos primeiros dias a greve atingiu cerca de 60% da categoria em Florianópolis e em várias cidades do interior, apesar do terrôriso do governo. O secretário de Educação tem ido constantemente à TV ameaçar os grevistas de demissão e nas escolas tem havido um forte esquema de repressão. (da sucursal)

PM da Paraíba revoltada com baixos salários

Os membros da Polícia Militar paraibana estão em pé de guerra. A informação parte da Assembleia Legislativa, Câmaras Municipais e de fontes da própria PM. O movimento teve início com a exoneração do comandante do II Batalhão, que há um mês recusou-se a reprimir as famílias ocupantes de conjuntos residenciais em Campina Grande.



Polícia militar da Paraíba

tão e ser funcionário da Assembleia é coisa corriqueira na Paraíba. Daí, o que sobra para os ociosos falta para os que trabalham e os que já trabalharam.

"Os militares (da PM), ativos e inativos, prejudicados desde janeiro do corrente, estão sofrendo as mais graves consequências: negaram-lhes pão e água quando a fome e a sede os apertam. A lei 4.410 está em vigor, mas nossos vencimentos estão sacados por uma lei arcaica e revogada. Diz a voz popular: "Não brinchem com o governo, rio cheio é aquilo". Isto quer dizer que manda o poder da força; a lei fica para depois.

"O governo que até está — prossegue o manifesto dos PMs — recebeu 80 por cento dos nossos votos e dos nossos familiares: isso porque suas promessas se nos alijuravam divinizadas. Não estamos contra, Agora, somos sobretudo disciplinados. Mas pedimos justiça a quem tantas esperanças nos prometeu. Se esta corrente parar em suas mãos não deixe morrer, faça vinte cópias e passe para frente. (da sucursal)

O comandante, coronel Rufino, também movia uma acirrada campanha contra os gangs existentes dentro da PM. Nem ele nem qualquer autoridade confirma, mas a articulação dos praças e oficiais está nas ruas e ganhou novas bandeiras de luta: pagamento das gratificações da PM, que, mesmo aprovadas, ficaram no papel; contra o atraso no pagamento do funcionalismo, inclusive da PM, e a não cogitação de aumento.

Há uma tendência à adesão de todo o funcionalismo ao movimento, a confirmar-se dia 11, quando deverá haver uma grande assembleia dos funcionários públicos em João Pessoa. Dentro da PM, a articulação intitulada "Corrente Artidentes" lançou um manifesto, entregue por pessoa da PM que preferiu omitir seu nome, para evitar represálias.

"PATENTES FAVELADAS"

Diz o manifesto: "Meus camaradas, alerta. A Polícia Militar agoniza. Somos um corpo sem alma. A fome nos impede o fiel cumprimento do dever. Não comemos no quartel, pois as verbas para o rancho fugiram. Não comemos em casa porque os salários estão miúquinhos e atrasados. Noventa por cento dos nossos oficiais, ativos e inativos, percebem salários de fome, menos que os sargentos de Pernambuco. A vergonha maior é que já temos "patentes faveladas" porque não suportam pagar os reajustes de moadia de até 122%. Enquanto isso acontece, os afilhados da política, que não têm em nenhuma repartição cadeira para sentar, percebem altos proventos. Isto de morar no ser-

PMDB cria comissão pela eleição direta

Mais de 20 dias após a sua aprovação pelo diretório nacional do PMDB, a campanha para as eleições diretas para a Presidência da República continua tendo um tratamento burocrático pela direção do partido. Apenas na semana passada foi anunciada a comissão executiva da campanha e organiza-la a nível nacional.

A comissão é integrada por sete deputados federais e três senadores, indicados pelos líderes Freitas Nobre e Humberto Lucena. Além da constituição desta comissão, a direção do PMDB apenas manteve contatos com o presidente do PT, Luís Inácio da Silva, que afirmou que também participará da campanha. Os contatos com o PDT ainda não aconteceram.

Este encaminhamento vagaroso da campanha pelas eleições diretas é um exemplo da atuação imobilista que tem dominado a cúpula do maior partido de oposição. Segundo um dos mais importantes membros da Executiva Nacional do PMDB, "o comportamento conciliador dos governadores eleitos pela oposição inibe o partido. Espero que a campanha pelas eleições diretas

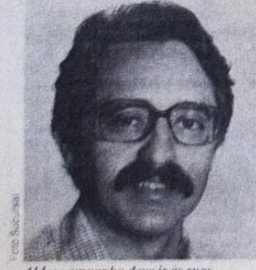
marque o fim desta inibição". Para Dante de Oliveira, um dos membros da comissão, a campanha pela eleição direta é fundamental para a sobrevivência política do PMDB. "A nação está exigindo uma manifestação firme do partido, e nós precisamos definir esta tarefa. É hora de usarmos toda a estrutura partidária para fortalecer a campanha pela eleição direta, calcada nas teses do Projeto Emergência do senador Vilela", afirmou o deputado Dante.

Para Aldo Arantes, outro integrante da comissão, a campanha precisa ganhar rapidamente as ruas. "Ela não pode ficar em decisões de gabinete. É necessário um amplo processo de mobilização popular em torno desta bandeira", argumentou.

PRESIDENTE DEMOCRATA

Aldo lembra que as forças do regime estão se movimentando para escolher o sucessor do general Figueiredo, e a oposição precisa reagir. "Maluf procura ganhar terreno, Aureliano se apresenta como candidato de Figueiredo, Andreazza articula governadores em reuniões regionais. O povo quer um presidente democrata, que seja escolhido por ele e que tenha sensibilidade e disposição para romper com a atual política econômica e a determinação de convocar uma Assembleia Nacional Constituinte livre e soberana", afirmou o deputado goiano.

A comissão executiva da campanha pelas eleições diretas para a Presidência da República visitará, nos próximos dias, os governadores eleitos pelo PMDB para convidá-los a se incorporarem a essa luta. Integram a comissão os senadores Alvaro Dias (PR), Itamar Franco (MG), Mauro Borges (GO), e os deputados Dante Oliveira (MT), Domingos Leoneli (BA), Márcio Braga (RJ), Osvaldo Lima Filho (PE), Flavio Bierrenbach (SP) e Aldo Arantes (GO). (Moacir de Oliveira Filho, Brasília)



Aldo: campanha deve ir às ruas



Delegado da Metal Leve fala aos congressistas

Metalúrgicos exigem mudança no rumo do país

Com 1.128 delegados inscritos, na maioria jovens e ativistas das grandes e médias fábricas, realizou-se nos dias 30, 31 e 1º de maio o VI Congresso dos Metalúrgicos de São Paulo. Um elevado nível de compreensão da situação do país e dezenas de propostas de saídas para a crise foram os pontos altos do evento.

"O Congresso serviu como termômetro: mostrou que a classe operária está mais politizada. Ela sabe que o regime militar é culpado pela situação de miséria e desemprego, que o FMI é só para sugar o nosso sangue, que a dívida externa não pode ser paga por aqueles que já não têm dinheiro nem para comprar leite. Mostrou também a vontade de participar, de lutar, de ter um Sindicato democrático, aberto para toda categoria". Desta forma Antonio Duarte, membro da comissão de fábrica da Maferma, sintetiza o Congresso, que, de forma ainda débil, trouxe as formas de luta.

Em grande parte, este êxito se deve ao fato do Congresso ter sido amplo, de massas. Em quase todas as grandes e médias fábricas da capital paulista foram discutidas as teses e eleitos delegados. Não foi um encontro viciado, com meia dúzia de ativistas se degladiando, criticando ou bajulando a diretoria do Sindicato. Todos os delegados queriam falar, inscrever-se, mesmo que

para isso tivessem que anotar sua intervenção no papel e, tremessam na hora de ler, como confessou uma metalúrgica.

DEMITIR O FIGUEIREDO

Na discussão do tema "desemprego e salário" foi apresentado o quadro negro da indústria. Na Zona leste, por exemplo, cinco fábricas faliram ou quase estão fechando: Fraçalansas, Caio, Motores, Fiel e Philco. Nesta última, que no ano passado tinha seis mil operários e hoje tem dois mil, uma das delegadas da fábrica denunciou "que todo dia são demitidas 20 pessoas e já se fala num grande facão no próximo dia 16". Aprovou-se a luta pela estabilidade no emprego; redução da jornada de trabalho sem redução salarial; fim das horas extras; instituição do salário desempregado. O decreto-lei 2.012 do general Figueiredo que arrocha o salário foi duramente criticado e decidiu-se realizar uma caravana a Brasília de "empregados e desempregados" no dia da sua votação.

A proposta da diretoria do Sindicato de "exigir a cabeça do Delfim, Langoni e Galvães, culpados pela política econômica do governo", foi aceita, mas com uma ressalva: "Se gente derrubar estes três patetas é bom. Mas a gente tem que demitir é quem os contratou, quem concorda com as besteiras que eles fazem. Tem que demitir é o Figueiredo, todo o governo", afirmou um dele-

gado da Villares, sendo bastante aplaudido.

Exatamente na hora de discutir o "ação sindical", quando poderia ser traçado um plano concreto de ação para o Sindicato encaminhar, a diretoria da entidade diminuiu o tempo de discussões e tentou castrá-lo. Desta forma o Congresso aprovou uma boa pauta de reivindicações e até a greve geral, só que não detalhou as formas concretas de viabilizá-las. Alguns ativistas propunham um dia de paralisação na categoria, "aproveitando-se a representatividade do Congresso, sua preparação nas fábricas. Ela serviria para impulsionar outras categorias na preparação da greve geral". Mas a diretoria do Sindicato e a chamada "oposição sindical" foram contra. Um delegado da Siemens reclamou: "É bonito falar em greve. Só que na hora de prepará-la a diretoria foge da briga".

Quando à repercussão do Congresso nas fábricas "ainda é cedo para sentir", segundo Duarte, que completa: "De agora em diante temos que discutir nas fábricas as resoluções, ver como tirá-las do papel e levá-las à prática. A formação de comissões de fábrica, a campanha de sindicalização e a discussão da greve geral devem ser levadas para dentro das empresas. Também temos que forçar o Sindicato para não esquecer-las, encaminhá-las no dia-a-dia". (Altamiro Borges)

Os atos deste 1º de Maio do Amazonas ao Rio Grande



Refeitório de Tubarão: operários necessitam de um Sindicato de luta

Operários querem renovar Sindicato em Vitória

Assim como há três anos, quando foi derrubado o pelego Oswaldo, os operários da construção civil de Vitória, no Espírito Santo, têm motivos de sobra para votar na oposição, **chapa 2**, nas eleições para diretoria do Sindicato em 5 de junho. Durante algum tempo após a renovação, feita no bojo da primeira greve da categoria, em 1979, a diretoria atual correspondeu aos anseios de mudanças dos operários. Mas não demorou muito para decepcionar, imobilizando o Sindicato, tomando decisões a revelia ou contra a vontade da categoria e tentando impedir a participação na entidade de ativistas contrários a sua posição.

Na greve de 1980, por exemplo, o atual secretário do Sindicato, Waldemar Lyrio, abandonou os grevistas para participar de uma reunião no interior do Estado. Na de 1981 a diretoria, sem consultar a assembleia, capitulou diante das exigências dos patrões, mudando para pior a data-base da categoria. Para decretar o fim da greve ela alegou, covardemente, que "a Lei de Segurança está aí e o governo ameaça usá-la contra a dire-

toria". Na campanha salarial de 1982, novamente sem consultar assembleias, os diretores aceitaram que fosse estabelecido o piso salarial inferior aos ganhos reais da classe. Depois eles comemoraram o acordo, contrário aos interesses dos operários, num banquete oferecido pelos empresários à título de "confraternização".

"A diretoria atual mistura uma linguagem radical e estrita, visando iludir os operários, com uma prática de colaboração aberta com os patrões, o autoritarismo e a burocracia sindical", explica um membro da **chapa 2**, de oposição. Para combater esta prática é que nasceu a **chapa 2**, encabeçada por Manoel do Nascimento, que tem como objetivos democratizar a entidade e travar a luta contra a exploração e o regime militar. Ela tem tido boa receptividade entre a categoria e já obteve uma vitória na última assembleia. Apesar das manobras do presidente do Sindicato, Gerson Diniz, os trabalhadores aprovaram a anistia dos débitos dos associados em atraso com o Sindicato, permitindo-os votar. (da sucursal)

Metalúrgicos de Volta Redonda vão às urnas

Nos dias 23, 24 e 25 de maio cinco chapas estarão disputando as eleições para a diretoria do Sindicato dos Metalúrgicos de Volta Redonda, Resende, Barra Mansa e Barra do Piraí, no Rio de Janeiro. Um grupo de amigos da **Tribuna Operária** entrevistou alguns operários durante uma vendagem do jornal na porta da CSN (Companhia Siderúrgica Nacional).

Há grande disposição de mudar os rumos do Sindicato que desde 1964 é dirigido por imobilistas e conciliadores, mas também existe a preocupação com a divisão da oposição sindical em duas chapas. Segundo José Emídio, mineiro, 47 anos, 22 de trabalho na CSN e candidato a presidente pela combativa **Chapa 4**, "procuramos compor uma chapa acima dos partidos, buscando a unidade de todos os que defendem os reais interesses da classe operária para derrubar os pelegos e abrir as portas da entidade para toda a categoria". Infelizmente não se combinou que a chapa perdedora apoiará a outra no segundo escrutínio.

Um metalúrgico resumiu mu-

to bem o espírito que predomina no meio dos operários: "Nós já estamos cansados de agüentar estes pelegos. Eles usam nosso Sindicato para defender seus próprios interesses e os dos patrões. A diretoria não divulga a prestação de contas do Sindicato e nós não sabemos para onde vai nosso dinheiro. O pior é que os acordos coletivos na maioria das vezes não representam a necessidade da classe e é flagrante a omissão dos atuais diretores frente às últimas demissões em massa".

No dia 1º de Maio a diretoria inaugurou a sede do Sindicato. Ela vinha sendo prometida há mais de nove anos pelos pelegos Lustosa e Bahia, sendo só agora inaugurada com o acabamento feito as pressas. Para Wagner Barcelos, membro da **Chapa 4**, "a conclusão da sede é uma vitória da categoria e não dos pelegos. Será uma vitória maior ainda se dentro dela estiver uma diretoria realmente combativa, capaz de fazer do Sindicato, no dia-a-dia, um instrumento a serviço dos anseios da classe". (do grupo de apoio de Volta Redonda, RJ)

Trabalhadores da limpeza de Brasília vão à greve

O 1º de Maio foi um dia de luta para os trabalhadores de limpeza de Brasília. Na véspera, diante da total intransigência patronal, o Sindicato da categoria resolveu decretar greve geral, numa assembleia que mobilizou cerca de 500 trabalhadores. A proposta levada aos patrões não representava qualquer absurdo: Cr\$ 41.924,80 de piso salarial, seguro de vida, estabilidade para gestantes de 120 dias e para o acidentado de 90 dias, uniforme gratuito, fornecimento de lanche, refeições e local limpo e adequado e folgas aos sábados, domingos e feriados.

Nas empresas de asseio e conservação que ganham muito nas alugando mão-de-obra para limpeza dos ministérios e empresas militares, autárquicas e empresas do governo federal e até empresas privadas, não quiseram entrar em acordo.

A mão-de-obra que sofre o maior nível de exploração em Brasília é exatamente a do pessoal de limpeza, não só porque as empresas alugam seu trabalho a custos altíssimos, pagando salários de fome, mas pelas condições do trabalho que os trabalhadores são obrigados a suportar. Ganham próximo do salário-mínimo e quando adoece em os empregados são demitidos. Como se isso não bastasse, os trabalhadores são obrigados a se alimentar nos sanitários e lixoiras dos órgãos onde trabalham.

O presidente do Sindicato, José Machado Filho, que recentemente conseguiu derrubar os pelegos que dominavam a entidade, garante que não será a repressão que vai arrefecer o ânimo da categoria. "O trabalhador da limpeza está cansado de exploração. Por isso iremos até o fim nessa greve. (da sucursal)

Dois questões marcaram com força o 1º de Maio de 1983, em todo o Brasil. De um lado, a sufocante situação dos trabalhadores, massacrados pelo decreto-lei 2012, o desemprego e outras consequências nefastas do acordo com o FMI. De outro, a perspectiva da greve geral — uma forma de luta que entrou na ordem do dia em todas as manifestações.

RIO GRANDE DO SUL

O dia chuvoso e o aparato policial em Caxias do Sul não empanam o brilho do 1º de Maio estadual unificado. Os trabalhadores exigem eleição direta para presidente da República, o fim da Lei de Segurança, e vão em por mais de cem minutos um representante do PDS, chamado a falar mas que não aparece. No entanto, manipulada por vários dirigentes sindicais, a concentração não chega a tomar posição quanto à proposta de greve geral para 18 de maio, conforme estava acertado. Há críticas também, de líderes sindicais importantes. Peruccini, presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de Caxias, afirma à TO: "Esta manifestação está tendo pleno êxito. É a mais forte, com mais de 10 mil trabalhadores. É uma demonstração de que a greve está madura, é o momento oportuno. Não fazê-la é dar mostra de fraqueza". Adão Hagstram, presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de Porto Alegre, comemora: "Os sindicalistas precisam encaminhar a luta e não ficar proclamaando a greve". A questão, no entanto, ficou adiada.

SAO PAULO

Mesmo mal convocada, com 3 mil pessoas, a concentração na Praça da Sé tem o mérito de unir as duas articulações sindicais paulistas — a das Federações e a da Prô-CUT Estadual. "A partir deste 1º de Maio o movimento sindical reunifica suas forças — diz Hugo Peres, em nome das Federações. — Agora temos que por em prática a palavra de ordem que é dos Sindicatos, das Federações, da Prô-CUT Nacional e Estadual: a greve geral". Muito aplaudidos, os delegados ao 6º Congresso dos Metalúrgicos chegaram em passeata com a camiseta do Sindicato e cartazes. Um representante dos trabalhadores uruguaios apela à solidariedade em favor dos povos latino-americanos, "que lutam de armas na mão contra a opressão iaque".

RIO DE JANEIRO

Na maior manifestação deste 1º de Maio, 70 mil populares reunem-se na Quinta da Boa Vista, num ato onde o senador Teotônio Vilela comove e dá o tom. "Dizem que sofre de um mal incurável, o câncer. Mas ele não me impede de lutar. Não quero a sobrevivência, quero a vida. A dívida externa está sugando o sangue dos brasileiros. Quero viver para lutar pela libertação da



minha pátria. Trabalhadores: ou ficar a pátria livre ou morrer pelo Brasil!" — declara Vilela, ovacionado pelo povo. Falam também quatro dirigentes sindicais, os partidos de oposição, a UNE, as Federações das Favelas e das Associações de Moradores, a OAB e a ABL. E por fim o governador Leonel Brizola, que se empenhou em promover, e capitalizar, o ato de 1º de Maio. Aguardado com expectativa, Brizola termina desapontando o povo presente, com um enorme discurso de 45 minutos, condenando a política econômica, mas não o regime que a pratica.

ESPIRITO SANTO

Estriteza e incompreensões reduzem a menos de mil pessoas o público no ato convocado pela Prô-CUT capixaba — que recuou ajuda do Departamento Estadual de Cultura para promover também apresentações artísticas. Outra concentração, sem a Prô-CUT, mas com show e muito chope, reúne 2 mil participantes.

MINAS GERAIS

Na Praça da Rodoviária, sob o Monumento da Liberdade, 2 mil trabalhadores atendem ao chamado da Prô-CUT. "É o mo-

Acima, o ato unitário de Caxias do Sul, que reuniu mais de 10 mil goiás; ao lado, vista parcial da multidão que foi à Quinta da Boa Vista, no Rio de Janeiro; abaixo, estandarte e bandeiras do PC do Brasil na Praça da Sé

mento de preparar a greve geral. O trabalhador tem força para mudar esta política econômica e impedir que este governo ilegítimo continue governando" — afirma Celso de Castro, do Sindicato dos Médicos, em nome da Prô-CUT Nacional.

BAHIA

Três mil pessoas vão ao Campo Grande, Salvador, convocadas pela Unidade Sindical. Um ato divisionista, encomendado pelo governo a Elias Piauí, da Federação dos Trabalhadores na Indústria, fracassa. "É o desespero dos pelegos, que estão caindo um a um", comenta Everaldo dos Santos, veterano sindicalista, presidente do Centro de Cultura Operária. Segundo Marcos Vasconcelos, do Sindicato dos Eletricistas, "a gente vê que a manifestação cresceu de qualidade em relação aos outros anos. Agora, é marcar a greve geral".

SERGIPE

Na Praça Dom José Tomás 250 trabalhadores se reúnem, apesar do jogo de futebol grátis, muito divulgado pelos patrões. Destacam-se as caravanas de trabalhadores rurais, vindos em caminhões pau-de-arara, de Porto da Folha, Poço Redondo, Graco Cardoso, Itabi, etc.

PARAIBA

Um ato estadual, unificado, em Sapé, com cerca de 5 mil participantes, 64 sindicatos de trabalhadores rurais e poucos urbanos, "relembra o tempo da Liga Camponesa", diz um lavrador. O presidente do STR de Alagoa Grande destaca: "É melhor morrer lutando que morrer de fome". A reivindicação central é a reforma agrária, "a única solução para o campo", como declara Alvaro Diniz, da Federação dos Trabalhadores Rurais.

PIAUI

Faixas, cartazes, passeata, concentração de 2 mil pessoas no Parque Piauí marcam a data, além do primeiro documento político dos trabalhadores piauienses desde 1964, assinado por seis entidades sindicais.

AMAZONAS

Pela primeira vez os trabalhadores de Manaus, cerca de 500, têm um 1º de Maio em praça pública, de mais de três horas. Apesar de duas promoções oficiais paralelas e da ação de provocadores que tentavam tumultuar os discursos na base do tambor, o que se destacou foram as tomadas de posição combativas, como a do líder camponês Francisco Massena.

GOIAS

No ginásio da Universidade Católica, ato da Comissão Estadual Prô-CUT denuncia com força o decreto 2012, o desemprego, a grilagem e exige reforma agrária. Embora convocada de forma unitária, a manifestação tem pouca participação de trabalhadores, principalmente porque o movimento sindical ainda se resiste do partidário na direção.

MATO GROSSO

Nem as lideranças acreditavam, porém mais de mil trabalhadores compareceram à manifestação no Pedregal, Cuiabá, convocada sobretudo pela Federação dos Trabalhadores Rurais, Sindicatos dos Gráficos, Contabilistas e Radialistas. No povo, um interesse novo em sindicalizar-se.

O PCdoB PRESENTE

Mesmo constrangido à ilegalidade, o Partido Comunista de Brasil marcou presença nas manifestações deste 1º de Maio, desde o Rio Grande até o Amazonas. Bandeiras (mais de cem são São Paulo), palavras de ordem e uma farta vendagem do órgão do partido, **A Classe Operária**, foram uma constante. A intenção desta presença, legítima do ponto de vista das democratas, não foi impor hegemonias ou monopólios sobre os atos de 1º de Maio. Foi uma participação lado a lado com todos os trabalhadores, no movimento unitário que hoje mais do que nunca se faz indispensável.

Uma causa sem fronteiras

Desde 1890, quando foi comemorado pela primeira vez, por iniciativa da Internacional Socialista, o 1º de Maio é a data da solidariedade internacional dos trabalhadores.

Neste dia, com maior razão, os escravos do capital em todo o mundo entendem que sua causa não tem fronteiras. Na cobertura deste 1º de Maio, a imprensa diária brasileira abriu até manchetes para o assassinato de um operário polonês pela polícia, durante uma manifestação em Nowa Huta. O crime chocou ainda mais por ser de autoria de um Estado que se diz operário, socialista. Um prato feito para os editorialistas burgueses, que aproveitaram para jogar lama no socialismo e não na ditadura militar neocolonial de Jaruzelski.

O jogo sujo dessa imprensa fica mais claro quando se vê os fatos que ela silenciou neste 1º de Maio. Em Montevideo, por exemplo, bem pertinho da nossa fronteira, ocorreu do-

mingo a maior manifestação de que se tem notícia. Cerca de 150 mil trabalhadores gritaram unidos por liberdade, anistia e direito de greve. Na hora de cantar o Hino Nacional uruguaio, o povo entoou com mais força os estrofes que dizem "Tiranos, tremel". Uma delegação de solidariedade da CGT argentina se fez presente, e a polícia da ditadura vigente desde 1973 não ousou aparecer.

Já no Chile, do tirânico general Pinochet, o 1º de Maio foi simplesmente proibido. Dezenas de trabalhadores que tentaram manifestar-se foram levados ao cárcere. Na Nicarágua fustigada por uma invasão de mercenários a mando da CIA, as comemorações foram suspensas em função do esforço popular para repelir os agressores. E em El Salvador a FDR-FMLN, que dirige a luta de libertação, conclamou com mais força os estrofes que trocam as ferramentas por armas, engrossando as guerrilhas.

Estudantes da Unifor querem linha de ônibus

Os estudantes da Universidade de Fortaleza, Unifor, estão em luta pela criação de uma nova linha de ônibus que ligue os dois Campi universitários, o da Universidade Federal e o da Unifor. Essa nova linha deverá atender aos alunos das duas universidades, bem como reduzirá a atual defasagem de coletivos que servem aos estudantes da Unifor que, devido à sua superlotação, provocam constantes acidentes. Exemplo disso foi o que ocorreu recentemente com um aluno do curso de engenharia, que teve um braço fraturado devido à queda de um ônibus.

Atualmente existem duas linhas, com um total de 16 ônibus, que servem ao Campus. Estas são insuficientes para atender à grande demanda existente. A Uni-

for conta com quase doze mil alunos, está situada no bairro de Água Fria, onde também localiza-se um Shopping Center. Portanto, a Comissão Pró-Centro Acadêmico Unificado das Engenharias, Pró-Cade Pedagogia, de Fisioterapia e de Terapia Ocupacional está coletando assinaturas para um documento que será levado ao prefeito de Fortaleza, César Cals Neto. O abaixo-assinado exige a imediata implantação da nova linha: Os alunos da Unifor já contam com a adesão dos funcionários da universidade e do Shopping Center, da imprensa, bem como do vereador Francisco Lopes, do PMDB, que comprometeu-se a criar um projeto de lei implantando a nova linha. (Donizete Arruda - da Comissão Pró-CA Unificado das Engenharias - Fortaleza, Ceará).



Quero ser mais um na luta pelo direito ao trabalho

Trabalho há dez anos na prefeitura de Aracaju, recebendo o miserável salário de Cr\$ 14.305,00 por mês, e não sou funcionário regulamentado do órgão, sendo obrigado a pagar de meu próprio bolso Cr\$ 5.000,00 de INPS, na condição de emergente. São dez anos de trabalho perdido, executando serviço de limpeza dos banheiros públicos da prefeitura de Aracaju, e não tenho direito a nada. Não tenho FGTS, nem carteira assinada. E se hoje eu morrer aqui na rua, ninguém vai dizer que sou funcionário da prefeitura.

Existem vários colegas que estão sendo explorados pela prefeitu-

ra, sem nenhum direito, nem sequer o registro ou a previdência social. Quando reclamamos, nossos superiores informam que a prefeitura não tem condições de nos efetivar, ou de nos contratar, e nem tampouco de pagar o salário mínimo. Só no meu setor existem mais quatro nessas condições, duas serventes e duas vigias. Se todos se juntassem para reclamar nossos direitos, eu seria mais um na luta.

Depois de pagar INPS fico com apenas dez mil cruzeiros, divididos com minha esposa e usados para pagar água, luz, transporte e alimentação. (C.H. - Aracaju, Sergipe)

Rodoviários cariocas lutam por salários digno

Os rodoviários do Rio de Janeiro movimentaram-se por duas importantes questões: campanha salarial de 1983 e eleição do representante na Companhia de Transporte Coletivo. No dia 15 de abril foi realizada uma assembleia da categoria, com mais de 200 pessoas, abrindo a campanha salarial. Foi aprovada extensa pauta tendo como reivindicações centrais dois anos de estabilidade no emprego, delegado sindical, manutenção da data-base em 2 de junho (desde 1979 não recebemos o aumento nessa data), aumento de 10% de INPC e 5% de produtividade, jornada de 6 horas, fim do turno único e criação de creches para os filhos dos rodoviários.

Fato marcante foi a decisão por maioria absoluta de retirar da pauta de reivindicações o item sobre o desconto em favor do sindicato, que esse ano chegaria a 5 mil cruzeiros.

Importante também foi a aprovação da comissão de salários. Resta agora se unir e mobilizar,

comparecendo maciçamente às assembleias do sindicato para fazer valer sua força de 120 mil membros e conquistando melhores salários e garantia de trabalho.

... Ao lado da campanha salarial os funcionários da CTC se mobilizaram através de comissões de garagem e da comissão eleitoral para eleger seu representante junto à diretoria da empresa. Os novos diretores da CTC escolhidos pelo governador Brizola numa reunião de 600 funcionários prometeram dirigir a empresa ouvindo as bases. Nessa oportunidade a reunião aprovou o nome do cobrador Luis Areas para presidir a comissão eleitoral. Estão sendo programadas assembleias por garagem e gerais para definir o processo eleitoral e o papel e funções dos representantes. Duas lutas que devem ser levadas conjuntamente. Uma esquentada outra no sentido de mobilizar toda a categoria para no fogo da luta avançar a conquista de seus direitos. (Rodoviários que apóiam a TO - Rio de Janeiro, RJ).



Estivadores derrotam os corruptos

Foi com grande euforia e muita disposição de luta que cerca de 1.500 estivadores do cais do porto do Rio de Janeiro aprovaram a destituição da diretoria do Sindicato, por ampla maioria dos presentes.

Fato pouco comum, os estivadores conseguiram eleger em assembleia anterior, no dia 15 de março, uma comissão de inquérito para apurar irregularidades e abusos da diretoria, cujo presidente, é o arquipequeno Jaime de Oliveira Filho, que domina a entidade há 12 anos.

A comissão trabalhou dia após dia, levantando todo o livro conta do sindicato, e entre as irregularidades ela descobriu (pasmem!) que os diretores podiam tirar empréstimo no prazo de dez meses, sem juros e correção monetária; o próprio presidente autorizava, e ele mesmo fazia retiradas deste tipo, sendo que uma delas foi de 620 mil cruzeiros; a diretoria aplicava no open market dinheiro do material de segurança no trabalho, sem consultar a categoria. E uma dessas aplica-

ções chegou na casa dos 87 milhões de cruzeiros.

Além disso, os próprios estivadores reclamam da falta de trabalho, dada a política de carregamento e descarregamento de navios e acusam o sindicato de não mover uma palha nesse sentido. Acusam também o atual presidente de disputar as tarefas e receber o dinheiro sem trabalhar, tirando muitas vezes a vaga de outro. Há de se notar que toda a diretoria recebe comissão.

No fim dos trabalhos, a assembleia, depois de ouvir o relato da comissão, votou pela destituição da diretoria aos gritos de "ladroão, ladroão...", dirigindo-se ao presidente. A diretoria proibiu a imprensa de assistir à assembleia e tentou através de um grupo pago por ela, agredir os repórteres presentes. E o diretor do sindicato Fernando F. da Silva tentou também revistar uma repórter, como forma de intimidá-la. (colaborador da TO - Rio de Janeiro, RJ).

Médico da Sabesp agride funcionário

Aconteceu no dia 2 de maio na firma de abastecimento de água do Estado de São Paulo, Sabesp, setor SMA Guarapiranga.

O companheiro Antônio Fernandes, precisou de assistência médica. Estava bastante doente e necessitava retornar para sua casa. Ao chegar ao posto médico foi agredido a socos e pontapés pelo próprio médico da empresa!

Apoiado pela chefia da unidade, o mesmo operário foi medicado em outro pronto-socorro, após abrir sindicância na delegacia, com testemunhas. Este médico pertence à Interclínica de São Camilo, é o Dr. Edson, que faz plantão no SMA pela manhã. (Nelson F. dos Santos e Edis S. Firminiano, testemunhas do fato-São Paulo, SP).

Os estivadores do Rio de Janeiro obtiveram uma importante vitória. Conseguiram criar uma comissão de inquérito para apurar as irregularidades cometidas pela diretoria do Sindicato da categoria. A comissão obteve resultados concretos, comprovando desvio de verbas por parte dos diretores, que inclusive aplicavam no open market às custas do imposto sindical pago pelos estivadores. E em assembleia decidiram destituir a diretoria corrupta.



Esta importante vitória mostra que o operariado unido e consciente é de fato uma força poderosa. Pode parecer chavão. Mas a realidade está aí, para mostrar que isso é verdade. Em frente, companheiros! (Olivia Rangel).



O candidato à presidência da Chapa 3, Gallo, fala a seus colegas

Chapa 3 é semente de renovação, rodoviário!

Companheiros: vocês que me conhecem há 22 anos, nas mais diversas empresas de ônibus, pelo bom convívio que tive com motoristas, cobradores, largadores, pessoal de garagem e escritório de todas as empresas que passei, tenho certeza de que ao ler o conteúdo desta, mesmo sem ter o autor, você dirá ao companheiro ao lado: "Só pode ser do Pufal". E então seu companheiro que por acaso não conhece o Pufal dirá: "Por que esse cara, que nos defende tanto, nunca fez parte de uma chapa?" Então, conte a ele que eu sempre disse a todos que o dia que eu encontrasse um grupo como eu ou melhor do que eu então pediria minha inclusão para ser mais um na diretoria de renovação para todo rodoviário gacho.

Pois é isso, companheiro! Agora encontrei este grupo e com gente melhor do que eu, com os mesmos ideais que tu conheces. Pois bem, companheiro, é chegada a hora de plantarmos aquela semente que é o teu voto.

O canteiro de nossa semente é a Chapa 3. Plante ali a tua semente que em 30 dias desabrochará tua verdadeira diretoria. E não isto que está aí, uma diretoria que há quase dez anos se identifica com uma filial do teu patrão, que firma uma convenção coletiva de

trabalho e não cumpre grande parte da mesma. E o teu sindicato te taxa de agitador. E como prova de que é filial, te entrega e o patrão te bota na rua e com isto provoca o teu silêncio:

E saiba mais, amigo sementeiro: esta filial rebanhou pelegos e ex-colegas de oposição, que sob promessa de emprego garantido traíram a categoria e mudaram de lado.

Mas tenho certeza, companheiro, que desta vez já sabes que aquele pessoal que sempre lutou lutará muito mais quando dentro de nossa 2ª casa. Sabera exigir que seja respeitada a nossa bíblia que é a CLT para que futuras convenções coletivas sejam cumpridas item por item. Mas para isso, minha gente, vamos provar que a categoria não gatinha mais e hoje enxerga o bastante para compreender que o verdadeiro rodoviário é aquele que luta desde 79 para conseguir estes Cr\$ 101 mil que aí estão. E por isso que chamo a todos os sementeiros para levar às urnas o voto à Chapa 3 e assim nos ajudar a soltar os grilhões e cortar as correntes das algemas que há quase dez anos nos fazem cativos dos patrões e de uma diretoria pelega. (J.P. - Porto Alegre, Rio Grande do Sul)

Operários da Philco protestam contra o desemprego

Nós, os funcionários da Philco Rádio e Televisão de Itaipuê, precisamos de sua solidariedade no sentido de podermos manter nossos empregos. Sabemos que nossas demissões não estão sendo feitas por dificuldade financeira da firma, pois sendo uma potência como é, e financiada pelo grupo Ford, tem condições de manter nossos empregos, sem que tenham o mínimo prejuízo.

Num momento em que se fala em terminar com o desemprego, os senhores governantes não podem permitir que mais de dois mil operários fiquem desempregados. Basta para isso que o governo tome medidas a favor dos operários e não das empresas multinacionais. Pedimos aos senhores que façam algo de imediato, ou então será tarde demais.

Chegou a hora dos senhores fazerem algo em nosso favor. Nós, os operários, que somos a força deste país. E agora que queremos saber se os senhores querem realmente a democracia e a liberdade de expressão.

Quando da última demissão em massa, vieram até a portaria da Philco jornalistas da Rede Globo. Então, para não ficar com imagem negativa no mercado, essa empresa adotou outro sistema. Durante todo o dia demite funcionários com espaço de tempo mínimo de 30 minutos. E é às 17 horas que ela chama o maior número de funcionários a serem demitidos, ou seja, na hora de saída da fábrica para que a imprensa e o nosso sindicato não tenham tempo de aqui chegar.

Sabemos que eles estão mudando a firma para Manaus onde não se paga imposto e a mão-de-obra é mais barata. Eu lhes pergunto, senhores: e nós, funcionários da Philco de São Paulo, como ficamos, se não podemos contar nem mesmo com nosso governo para nos apoiar? É uma vergonha o que está acontecendo nesta empresa e ninguém tomou conhecimento. Somos todos brasileiros e queremos nossos direitos. O direito de trabalharmos para o sustento de nossas famílias. (uma operária da Philco de Itaipuê - São Paulo, SP).

Na Capemi de Tucuruí trabalhador não recebe

Pego para ser transcrito nesse valoroso jornal Tribuna Operária essa miséria da Capemi, em Tucuruí, que tem levado os operários explorados a se insurgir contra esses bastardos capitalistas, que nos escravizam e jogam a polícia contra nós de maneira violenta.

A imprensa é impedida de entrar na Capemi, onde cresce a cada dia o número de desempregados. Os salários estão atrasados, a tensão é grande. Cerca de 200 trabalhadores estão no acampamento com aviso prévio desde dezembro, sem qualquer pagamento ou indenização. Um dos operários declarou: "o que mais me preocupa é a falta de condições de poder mandar alguma coisa para minha família. Aqui tenho casa e comida. Mas minha mulher e meus filhos dependem do que eu mandava mensalmente. Este ano meus filhos não vão nem poder estudar. Não têm dinheiro nem para comida, quanto mais para uniforme, livros, etc. Não recebo desde o dia 6 de janeiro. Ganhava Cr\$ 38.000,00 como ajudante..."

Um operário vindo de Ouro Branco tem direito a uma indenização de Cr\$ 285 mil e só espera receber esse dinheiro para voltar para o Rio Grande do Norte, onde mora a família.



Peões demitidos esperam pagamento

De 2.800 empregados que já teve nas duas frentes de desmatar, a Capemi mantém apenas 1.000. Todos os que tinham mais de um ano de serviço foram demitidos, sendo que da última vez foram 142 embora. Com a notícia da extinção da Capemi, os empregados esperam receber o que tem direito, nem que seja no Ministério do Trabalho.

Estamos com esse valoroso jornal. Queremos um regime onde os operários sejam felizes e trabalhem pelo engrandecimento do nosso querido Brasil. Quando eu terminava de escrever esta carta, se dava um quebra-quebra no interior da Capemi em Tucuruí e os chefes chamavam a polícia para agredir os funcionários. (operários da Capemi - Tucuruí, Pará)

LIÇÕES DA LUTA OPERÁRIA

União contra o desemprego

Diante da explosão dos trabalhadores nas ruas de São Paulo, surgiram as mais variadas opiniões sobre a luta contra o desemprego. Interesse aos trabalhadores estudados, estas idéias e examinar diretamente o movimento surgido no início do mês passado.

Alguns argumentam que devido à situação delicada do país, os trabalhadores deviam ter mais paciência. Dizem que as manifestações de rua poderiam debilitar os governos de oposição recém eleitos e até mesmo dar um pretexto para uma intervenção federal. Outros alegam que nesta/hora não se deve apertar os padrões, que não podem fazer maiores concessões e muitos estão até ameaçados de falência.

Existem ainda os que são contra reivindicar medidas parciais como seguro-desemprego, redução da jornada sem redução do salário, cessar de alimentos, passe para os desempregados, porque é contra os "princípios", porque "desvia" a luta.

Mas será que a reação dos trabalhadores contra a fome e a miséria se coloca em contradição com o movimento democrático? Ou falando mais claro, será que a única atitude dos trabalhadores na luta democrática é fortalecer os governos opositores? Parece mais correto levantar com força as reivindicações e ao mesmo tempo, ao colocar o gume da luta contra o regime militar, procurar fortalecer as posições democráticas mais combativas dos governos eleitos pela oposição. A luta operária e popular não é conflitante com a luta democrática.

DOBRAR OS PODEROSOS

Em relação aos empresários, se existem certos setores ameaçados pela política econômica do governo — inclusive de falência — o que a realidade coloca para os trabalhadores não é o abandono de suas reivindicações para salvar as empresas. Mas indica que pode haver um terreno comum de luta contra o regime militar e por uma política econômica que atenda aos interesses nacionais e populares.

Da mesma forma é incorreto, em nome dos "princípios", pedir aos trabalhadores que moram de fome enquanto o capitalismo não chega ao fim. Se é possível unir amplas forças e arrancar do governo e dos grandes monopólios certas medidas imediatas e parciais, isto não só interessa aos trabalhadores agora como enfraquece os poderosos e fortalece as fileiras do proletariado. As lutas contra o regime militar e os trabalhadores da zona sul de São Paulo ajudam a organizar e a elevar o nível de consciência das massas.

O impacto causado pelo movimento dos dias quatro e cinco em São Paulo mostram que o caminho da luta é o que pode servir para dobrar os poderosos. Sem luta não se pode conquistar nada para os oprimidos. Os acontecimentos destes dias colocaram o problema do desemprego em discussão. Mas ainda é necessário unir mais forças e promover lutas de maior envergadura para se alcançar resultados concretos, mesmo parciais.

LUTA E UNIDADE

Tanto os governos de oposição como inclusive diversos setores do empresariado estão desconcertados com as orientações do governo federal. Mas a própria luta dos trabalhadores em São Paulo mostrou como estes setores democráticos vacilam e temem a luta popular. Isto coloca para os trabalhadores a necessidade de, além da disposição de luta, saber fazer política. Enquanto a reação trata de isolar o movimento de massas, como fez agora, os operários e todos os setores populares precisam buscar aliados e batalhar pela unidade de uma ampla frente de oposição. A luta sem unidade fica isolada e não pode conquistar êxitos significativos.

Hélio Melo, um pintor da vida nos seringais da Amazônia

Hélio Melo é um artista popular. Pintor, poeta e músico, ele fabrica as tintas que usa nos seus quadros — "fabrico com sumo de folhas de árvore, e agora também misturo com nanquim" — e também o violino e o violão que toca. Um amazense que usa a arte para transmitir o seu conhecimento e o seu sentimento do trabalho. A Tribuna Operária entrevistou esse artista do trabalho:

T.O. - Como você começou a pintar?

Hélio: Eu nasci na Vila Boca do Acre, um nadinha, no interior do Amazonas, e só vi quadro depois que fiquei pintor. Minha mãe sabia fazer uma seringa, numa montagem de vários desenhos. Eu gostava e ia desenhando. Também aprendi a tocar violino, violão, tudo de ouvido.

T.O. - Então você sempre buscou ser artista?

Hélio: Ainda pequeno fui para o seringa. Passei 33 anos nesse trabalho. Em 1959 fui para Rui Branco. Lá eu desenhava, quase sempre as coisas dos seringueiros.

Mas quase ninguém procurava meus trabalhos. Só os estudantes, vez por outra. Trabalhei 11 anos com tracaia, até que cheguei a ponte no rio, e eu perdi meu trabalho. Passei a ser barbeiro ambulante, e depois vigia, isso em 1975. Dai tive tempo de desenhá-lo. Em 1978 o pintor Genésio Fernandes, pernambucano, foi dar um curso em Rui Branco, e admirei muito meus trabalhos. Fez uma exposição, pelo Departamento de Assuntos Culturais. Depois meus desenhos foram para Brasília, onde foram todos vendidos. E assim eu fui me tornando pintor mesmo.

T.O. - E o que os seringueiros acham dos seus quadros?

Hélio: Os seringueiros admiram meu trabalho, porque faço justa a vivência deles. Admiram tam-



Um trabalho de Hélio Melo, exclusivo para a T.O.

bém porque eu sei todos os mistérios da seringa. Estou até escrevendo um livro a respeito. Fiz também uma poesia, chamada 'O lecho de estrada', que é assim:

O mundo lhe é cruel
E a vida que ele leva amarga que nem fel
Seu lucro é pouco, mal dá para viver
E o patrão não se compadece do seu sofrer
É ele o seringueiro, que trabalha de sol a sol

Enfrentando perigos que matam
Matando a esperança de uma vida melhor
Lá no meio das matas, muitas vezes triste e só
A solidão é sua fiel companheira
E o medo ao seu lado
O medo da morte, o medo da incerteza
E da tristeza.

É isso. O patrão tem mania de dizer "O seringa é nosso". Mas é o campo nosso que não é nosso. O seringueiro é mandado embora, sem direitos. É a justiça do patrão. Por isso, minha arte é a vida dos seringueiros.

Hélio Melo



Hélio Melo e uma cena da vida do seringueiro no interior da Amazônia



ENVER HOXHA

Discurso aos eleitores



Enver Hoxha fala das vitórias socialistas

Discurso do dirigente do PTA e do povo albanês às vésperas das eleições para a Assembleia da Albânia.

Pedidos à Editora Anita Garibaldi Ltda. Rua Major Quelindino, 300 — 5/3, CEP 01050 São Paulo SP. Preço: Cr\$ 300,00.



Atletico, junto com o Flamengo, com a vaga garantida na Taça de Ouro

Taça de Ouro um campeonato sem favoritos

Com apenas dois clubes garantindo a vaga antes da última rodada, Atlético de Belo Horizonte e Flamengo, encerrou-se a terceira fase da Taça de Ouro. Oito clubes disputam agora o título máximo do nosso futebol. As surpresas na lista dos classificados, bem como a irregularidade da maioria das equipes, dificulta a identificação dos favoritos.

Ao contrário dos anos anteriores, o campeonato nacional, já em sua reta de chegada, não apresenta nenhuma equipe com retrospecto capaz de merecer o favoritismo dos torcedores.

Somente o Atlético Mineiro e o Flamengo conseguiram classificação antecipada. Mas ambos enfrentaram dificuldades nas fases anteriores. O Atlético por força de brigas intestinas de dirigentes e jogadores. O Flamengo em função da sobrecarga de jogos dos dois campeonatos que disputa simultaneamente: o nacional e o sul-americano. Sem falar que o Flamengo foi goleado no último jogo da terceira fase pelo Corinthians e o Atlético passou maus momentos ao empatar com o Atlético de Curitiba no Mineirão.

Goias, Sport, Atlético PR, Vasco, Santos e São Paulo, os demais classificados, lutaram até o último minuto para não ficar fora. E alguns deles ainda dependeram do resultado de terceiros. Essa indefinição tão acentuada fez com que a rodada decisiva fosse repleta de ocorrências vergonhas para o esporte. A Ferroviária de Araçuaia abusou da violência contra o Grêmio de Porto Alegre e ganhou a partida "incentivada" por prêmios oferecidos pelo São Paulo e pelo Sport de Recife, que se beneficiavam deste resultado. O mesmo aconteceu no jogo do América contra o Colorado, quando os primeiros golearam o time par-

naense motivados pelo "bicho extra" de cinco milhões oferecido pelo Atlético PR. Em São Paulo, Vasco e Palmeiras jogaram sob um clima de tensão provocado pela guerra de acusações entre os cartolas dos dois clubes, que se diziam prejudicados pelas arbitragens.

A grande decepção, entretanto, foi proporcionada pelo futebol paulista e gaúcho. São Paulo, Palmeiras e Santos, pela ordem, fizeram a melhor campanha até o início da terceira fase. Subitamente, passaram a acumular tropeços que comprometeram a classificação do Palmeiras e por pouco não derrubaram também o São Paulo e o Santos. Corinthians, Guarani e Ferroviária, que vinham demonstrando bom desempenho, também ficaram fora, contra todas as previsões.

O Rio Grande do Sul, que tradicionalmente coloca um de seus grandes entre os finalistas (foi assim nos últimos quatro anos), está fora da disputa final. O Inter não participou sequer da terceira fase e o Grêmio perdeu a vaga no último jogo ao ser goleado pela Ferroviária em pleno estádio Olímpico, em Porto Alegre.

Flamengo e Atlético Mineiro, pela boa presença e ritmo crescente de produção na fase encerrada, são fortes candidatos ao título. Ademais, são "times de chegada", desres que crescem à medida em que se aproxima a decisão final. O Flamengo, porém, precisará vencer o Vasco para chegar às semifinais. O que não será fácil, dada a rivalidade e supremacia absoluta de ambos no futebol carioca nos últimos anos.

Santos e São Paulo, uma vez superando as irregularidades até aqui notadas, podem também empregar. A "briga" promete ser boa e não há por que deixar de esperar, como saldo, bom nível de futebol.

(J. Madureira)



Chico Buarque, no Canta Brasil, em São Paulo

Os artistas homenageiam o Dia dos Trabalhadores

Mais de 30 mil pessoas, a esmagadora maioria jovens, foram assistir no último dia 30 do show *Canta Brasil*, onde tradicionalmente os artistas se apresentam, sem cachê, em homenagem ao Dia do Trabalhador. O espetáculo, que este ano foi realizado no Anhembi, São Paulo, teve a participação de vinte cantores.

O ator e dramaturgo Gianfrancesco Guarnieri abriu o espetáculo destacando: "Esta é a festa do artista brasileiro. Foi escolhido pelos meus colegas para lhes dizer isto. Nenhum artista, neste show, está recebendo dinheiro porque ele será usado para causas coletivas. Esta não é uma festa do trabalhador, como dizem eles, mas do trabalhador. O dinheiro da bilheteria não

é dos artistas, mas será usado para a libertação dos povos latino-americanos!"

Durante o show dois artistas foram homenageados: a cantora Clara Nunes, que sempre participou dos shows do Primeiro de Maio, e o compositor e artista popular Adoniran Barbosa. Chico Buarque, Simone, Elba Ramalho, Gilberto Gil, Francis Hime, Nara Leão, Sérgio Ricardo, Frenéticas, Paulinho da Viola, Erasmo Carlos, Kleiton e Kleber e Fafá de Belém foram alguns dos artistas que se apresentaram no Anhembi. Houve uns poucos incidentes com a polícia civil — que prendeu, e depois liberou, alguns vendedores da Tribuna Operária.

Tribuna Operária

Endereço: Travessa Brigadeiro Luis Antônio, 53, Bela Vista, São Paulo, CEP 01318. Telefone: 36.7531 (DDD 011). Telex: 01132133 TLOPBR

Assinaturas:
ACRE — Rio Branco: Rua Belém, 91, Estação Experimental Rio Branco — CEP 69900. **AMAZONAS** — Manaus: Rua Simon Bolívar, 231 — A (Pça da Saudade) — Caixa Postal 1439 — CEP 69000. **PARÁ** — Belém: Rua Aristides Lobo, 620 — Centro — CEP 66000. **MARANHÃO** — São Luiz: Rua do Machado, 174 — Centro — CEP 65000. **PIAUI** — Teresina: Rua Eliseu Martins, 1130, 1º andar — CEP 64000. **CEARÁ** — Fortaleza: Rua do Rosário, 313, sala 206 CEP 60000. **Sobral:** Av. Dom José, 1236, sala 4 CEP 62100. **RIO GRANDE DO NORTE** — Natal: Rua Fonseca e Silva, 1098, sala 102, Aleria, 30, sala 108, CEP 58000. **Campina Grande:** Rua Venâncio fer, Rua do Sotelo, 221 — Boa Vista — CEP 50000. **GARANHUNS:** Rua 13 de Maio, 85, 1º andar, sala 3 — CEP 55300. **ALAGOAS** — Maceió: Rua Cincinnati Pinto, 183 — Centro — CEP 57000. **SERGIPA** — Aracaju: Rua João Pessoa, 299, sala 28, CEP 49000. **BAHIA** — Salvador: Rua Sen. Costa Pinto, 845, Centro, CEP 40000. **Faixa de Santana:** Galvão Vargas, 260, sala 204, CEP 42800. **Itabuna:** Av. Juracy Magalhães, 180, sala 303, CEP 45600. **MINAS GERAIS** — Belo Horizonte: Av. Amazonas, 491, sala 817, Fone: 224.7605. CEP 30000. **Contagem:** Rua do Contorno Rodoviário, 345/355 — CEP 32000. **Juiz de Fora:** Galeria Constança Valadares, 3º andar, sala 411, CEP 36100. **GOIÁS** — Goiânia: Antangueira, 3001, sala 1309, Centro, CEP 74000. **DISTRITO FEDERAL** — Brasília: Ed. Goias, sala 322, Setor Comercial Sul, CEP 70317. **MATO GROSSO** — Cuiabá: Rua Comandante Costa, 548, Fone: 321.5095 e 321.9095. **CEP 78000.** **ESPIRITO SANTO** — Vitória: Rua General Osório, 127, sala 908, CEP 25000. **RIO DE JANEIRO** — Rio de Janeiro: Rua Carvalho de Souza, 155, loja F. Madureira, CEP 20000. **Nova Friburgo:** Rua Nunes Alves, 40, sala 101, CEP 25000. **PARANÁ** — Curitiba: Rua Otávio Tarquínio, 17, sala 605, CEP 26000. **SÃO PAULO** — S. Bernardo do Campo: Rua Jurubatuba, 1716, sala 9, 1º andar, CEP 06700. **SP** — São Paulo: Rua Santa Catarina, 39, sala 303, CEP 09500. **Campinas:** Rua Prof. Luis Rosa, sala 94, CEP 13100. **Maringá:** Rua Dom Pedro 180, 1º andar, CEP 17500. **Piracicaba:** Rua General Osório, 1367, CEP 13000. **PARANÁ** — Curitiba: Av. Winston Churchill, 2030, sala 3, Pinheirão, CEP 80000. **Londrina:** Rua Sete, 891, salas 7 e 8, CEP 86100. **RIO GRANDE DO SUL** — Porto Alegre: Rua General Câmara, 52, sala 29, CEP 90000. **Caxias do Sul:** Rua Dr. Montauray, 658, 1º andar, sala 15, CEP 95100.

A TRIBUNA OPERÁRIA é uma publicação da Editora Anita Garibaldi Ltda. Composta e Impressa por Proposta Editorial, rua Heitor Penteado, 236, loja B Tel. 263.3115 São Paulo - SP

Um transporte caro e ruim

Os trabalhadores que se utilizam de ônibus terão um motivo a mais para repudiar o atrelamento do Brasil ao FMI. A economista daquela entidade, Ana Maria Jul, chegou recentemente ao Brasil para exigir entre outras medidas o fim do subsídio ao óleo diesel. Isto significará aumentos ainda maiores nos preços das passagens. O peso dos transportes no orçamento do trabalhador já está insuportável e por causa de aumentos anteriores já houve muito quebra-quebra.

O pernambucano Euclides Belarmino Pereira, de 67 anos, é um entre os seis milhões de pessoas que utilizam diariamente os ônibus urbanos da capital paulista. Ele passa em média cinco horas dentro dos apertados ônibus e do seu salário de Cr\$ 80 mil, cerca de Cr\$ 10 mil são gastos com condução. Euclides é operador de bate-estacas e toma três ônibus para chegar no seu trabalho em Ribeirão Pires.

Euclides é viúvo, pai de oito

filhos e mora numa casa de três cômodos em um terreno da prefeitura no Jardim Campinas, Zona Sul de São Paulo. O horário de entrada no serviço é sete horas, mas tem que sair de casa às quatro da manhã. "Mas tem dia que chego atrasado — explica ele — porque eles passam muito cheios e tenho que esperar às vezes uma hora e meia no ponto. E por essas coisas, que o quebra-quebra de ônibus no Grajaú foi bom pra servir de

exemplo aos donos das empresas".

As empresas colocam poucos carros nas linhas e as viagens se transformam em um inferno para os passageiros. "É uma confusão na hora de entrar — diz Euclides. As vezes tem mulher que cai e é pisoteada. Já vi muita gente, que vai pendurada na porta, cair e morrer. Euclides chega tarde da noite em casa e sai de madrugada, sobrando pouco tempo para descansar. "A gente pega o ônibus e vai dormindo em pé".

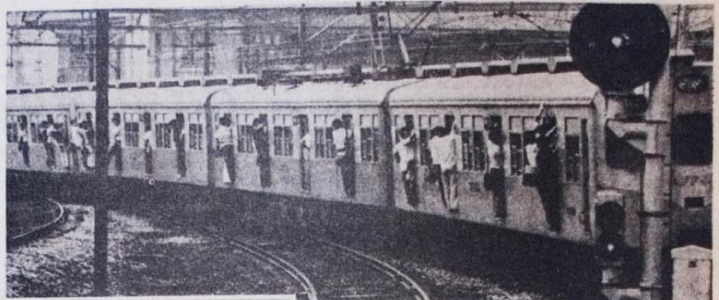
Política voltada só para o lucro

Casos como o do operário Euclides Pereira existem aos milhares em São Paulo e mostram como é difícil a vida de quem se utiliza diariamente do transporte coletivo urbano. Estas dificuldades poderiam ser resolvidas em grande parte com a estatização de todo o serviço de transportes e a concessão de subsídios, como ocorre mesmo em alguns países capitalistas desenvolvidos.

Um exemplo desta política voltada só para o lucro é o que ocorreu na cidade de São Paulo. A CMTC, empresa municipal de transporte coletivo era responsável pelo transporte de 97% dos passageiros de ônibus da capital. Mas em 1960 o governo acabou com este monopólio e foi concedida autorização para funcionamento de 90 empresas privadas. O resultado é que hoje a mesma CMTC transporta menos de 30% dos passageiros, operando geralmente nas linhas menos lucrativas.

Com a introdução da indústria automobilística no país a prioridade no planejamento do sistema viário urbano passou a ser o transporte individual. A maior parte dos recursos foram aplicados na ampliação do avenidas e viadutos para dar vazão ao grande número de carros. Enquanto isso o transporte de massa ficou no abandono. Os trens suburbanos não sofreram nenhuma ampliação e os trilhos (movidos a energia elétrica) sofreram redução.

Dentro da política governamental de incentivar a iniciativa privada, as empresas de trans-



Os trens suburbanos não sofrem ampliação há 40 anos enquanto os ônibus são em número insuficiente e andam superlotados. Isso e mais os constantes aumentos das tarifas levam aos quebra-quebras como o do Grajaú (fotos, em São Paulo)

porte cresceram em tamanho e em seus lucros, mas com prejuízo na qualidade dos serviços prestados. O professor Adriano Murgel Branco, ex-diretor da CMTC afirmou à TO que "os empresários não mais renovam suas frotas e mantêm na linha o menor número possível de carros, levando a qualidade dos transportes a um dos seus mais baixos níveis dos últimos anos".

É a mais prejudicada com esta política foi justamente a população de baixa renda que se utiliza do transporte coletivo. Esta parcela da população, por morar em bairros longínquos para evitar os altos aluguéis, é a que mais se serve de ônibus ou trens. Ma-

pesquisa feita pelo Metrô de São Paulo constatou que as famílias de renda mais alta moravam a uma distância de 4,3 quilômetros do centro, enquanto que as de mais baixa renda residiam a 14,5 quilômetros de distância.

20% do salário gasto com ônibus

Uma outra pesquisa, esta sendo feita pelo Dieese (Departamento Intersindical de Estatísticas e Estudos Sócio Econômicos), em 1969, mostrou que o trabalhador gasta entre 10 a 20% de seu salário com transporte. Em São Paulo estes gastos represen-

tavam 13% do salário, enquanto que no Rio de Janeiro e Brasília a despesa atingia os 20%. Atualmente o Dieese está fazendo uma atualização deste estudo e provavelmente seus resultados mostrarão um valor ainda maior. Pelo visto, o serviço de transportes de passageiros não pode ter como fim somente o lucro, mas deve visar prioritariamente o aspecto social. É inconcebível que enquanto alguns poucos empresários tiram gordas fatias de lucros oferecendo um transporte de péssima qualidade, os trabalhadores tenham que pagar caro e passar até mil horas por ano dentro de abarrotados ônibus ou trens. (Domingos Abreu).

MCC contra tarifas altas

O povo de Salvador está se mobilizando para impedir mais um aumento nos preços das tarifas de ônibus. O seu sistema de transportes urbanos é um dos piores do país. As frotas de ônibus são obsoletas por lei a renovarem a sua frota a cada sete anos, mas nunca se teve notícia da intervenção da prefeitura.

Embora os empresários aleguem poucos ônibus, "as frotas são grandes, os ônibus é que não são renovados no tempo legal", denuncia Jane Vasconcelos, coordenadora do Movimento Contra a Carência (MCC) e presidente da Comissão de Transportes da Câmara Municipal. Um exemplo citado por ela, é o da Transur. "A empresa possui 80 ônibus novos fechados na garagem, enquanto os que postos ao uso da população são velhos, desconfortáveis, imundos e quebram toda hora".

O POVO REIVINDICA

O prefeito Manoel Castro permanece omissivo às reivindicações populares e alega sempre dificuldades por parte das empresas. "O prefeito aponta dificuldades das empresas,

mas as pesquisas apontam o ramo de transportes urbanos como o terceiro mais lucrativo", denuncia César Olímpio, coordenador do MCC.

Desde fevereiro que o MCC luta para impedir que a prefeitura decreta um novo aumento nas tarifas dos ônibus. Esse aumento elevaria o preço das passagens de Cr\$ 38,00 para Cr\$ 68,00. Além do congelamento do preço das passagens o MCC reivindica o fim dos "currais", manutenção do circular gratuito e da tarifa popular, meio passe para estudantes e passe livre para os desempregados.

Diante da pressão popular, o prefeito Manoel Castro recuou e adiou o decreto do aumento para o dia 15 de maio. O MCC está lutando para que a decisão do aumento seja adiada para julho, tempo necessário para que os setores populares pronunciem-se sobre a questão. Segundo o MCC, "a imposição de qualquer outra data pela prefeitura, representará uma provocação ao povo, que não pode pagar o aumento". (Paulo Olsiovi, da sucursal).

Arrocho é rejeitado na Belgo

A Companhia Siderúrgica Belgo Mineira há mais de três semanas está tentando impor aos seus operários um arrocho salarial além daquele patrocinado pelo governo: quer que os trabalhadores abram mão do reajustamento a que têm direito. Mas os assalariados, conhecedores dos lucros da empresa, rasgaram a proposta patronal e exigem salários melhores.

A pressão da empresa já havia levado os seus trabalhadores de Sabará a assinarem um acordo que não foi homologado pelo delegado regional do Trabalho por ser ilegal. Mas os operários de Contagem e João Monlevade não estão abrindo mão do reajuste a que têm direito, tomando como base o INPC.

As negociações com o Sindicato de classe vieram acompanhadas das permanentes ameaças de desemprego, e de ações de terrorismo, como a demissão de três operários, um deles com 15 anos de fábrica e sete filhos, por terem se pronunciado em assembleia anterior contra a proposta. Isto numa empresa que, em 1982,

sofreu um decréscimo do quadro pessoal em 11% após ter imposto um acordo de redução de jornada e de salário.

LUCROS DE BILHÕES

Os lucros de 8,1 bilhões de cruzeiros apontados em seu balanço referente ao ano anterior, além dos investimentos de 8,4 bilhões de cruzeiros realizados na implantação de projetos de desenvolvimento, apontam a situação favorável em que se encontra a empresa. Diferente é a posição dos operários. "A empresa não parou de aumentar sua produção, com toda essa crise, e está com muita encomenda", disse

um trabalhador na assembleia. "Estão querendo acabar, na prática, com o reajuste semestral", acrescentou outro, "e não aceitaremos mais esse golpe contra nós".

ARROCHO REJEITADO

A rejeição da proposta, na treliária de Contagem, veio se juntar à mesma posição tomada pelos operários da fábrica de João Monlevade. Os 4 mil metalúrgicos que compareceram às duas assembleias daquela cidade do interior de Minas reafirmaram a sua já histórica tradição de resistência contra a exploração. Na primeira assembleia, a presença das mulheres e dos filhos dos trabalhadores da Belgo levaram a um comparecimento de 5 mil pessoas.

"Se a Belgo começar a dispensar, Monlevade vira praça de guerra. Nós corremos um risco, mas a empresa também corre", disse Leonardo, diretor do Sindicato dos Metalúrgicos de João Monlevade, na assembleia de Contagem. E demonstrou a disposição e organização daqueles trabalhadores para ir à frente na sua luta com a informação de que 380 dos 400 supervisores que, depois de serem procurados pela empresa para lhes pedir apoio, foram ao Sindicato e assinaram um compromisso de ir junto com os demais trabalhadores e não aceitar o acordo.

Depois de rechaçada a proposta da Belgo, os dois Sindicatos aguardam o pagamento de abril e se mantêm vigilantes a qualquer demissão que venha a ser feita. Se o pagamento não vier, será convocada assembleia para decretar greve, o que também ocorrerá se houver demissões. (da sucursal).



Um dirigente do Sindicato rasga a proposta patronal, na assembleia

Uma proposta absurda

A desavergonhada proposta da Belgo Mineira aos seus operários simplesmente elimina o reajuste com base no INPC em abril, em troca de uma suposta "garantia de emprego até 31 de julho de 1984". Isso sem falar que a própria empresa menciona demissões que pretende realizar a partir de agosto de 1984.

Se a proposta da Belgo Mineira fosse aceita, um trabalhador que ganha 150 mil cruzeiros por mês perderia, em um ano, Cr\$ 849.325,00!!! A revelação foi feita pelo Departamento Intersindical de Estudos Estatísticos e Sócio-Econômicos (Dieese), consultado pelos sindicatos envolvidos nas negociações salariais.

O Dieese fez o cálculo tomando por base a média dos salários da empresa e, em boletim destinado à categoria, os Sindicatos alertam que "a Belgo tem cerca de 2.600 empregados, verificamos que a perda salarial total da treli-

ria seria de, aproximadamente, dois bilhões e duzentos e oitenta e cinco cruzeiros. Mais de dois trilhões de cruzeiros antigos".

O boletim esclarece: "Tudo isso, companheiros, sem contar as perdas no Fundo de Garantia. Usando os mesmos cálculos, chegamos à conclusão de que o trabalhador com o salário médio perderia exatamente Cr\$ 67.947,00 no Fundo, sem contar os juros e a correção monetária, quer dizer, aproximadamente perderia Cr\$ 130 mil se contarmos a correção. Somando à perda no salário, chegamos ao milhão de cruzeiros".

"É importante saber que essas perdas salariais são para sempre. Isso porque, em outubro 83, o cálculo do INPC seria feito sobre o salário de outubro 82, como se não tivesse existido o INPC em abril (como é a proposta), nem ao menos as gratificações".



Nas assembleias de Contagem e João Monlevade a proposta patronal foi rejeitada